

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REALIZADOR CONVIDADO: ADOLFO ARRIETA
6 de Junho de 2022

EL CRIMEN DE LA PIRINDOLA / 1965

Um filme de Adolfo Arrieta

Realização, Fotografia, Argumento e Montagem: Adolfo Arrieta / Com: Xavier Grandès.

Cópia: digital, preto e branco / com legendagem electrónica em português // Duração: 18 minutos /
Inédito comercialmente em Portugal.

IVY / 1947
(Lábios que Envenenam)

Um filme de Sam Wood

Realização: Sam Wood / Argumento: Charles Bennett, baseado no romance de Marie Belloc Lowndes / Direcção de Fotografia: Russell Metty / Direcção Artística: Richard H. Riedel / Cenários: Russell Gausman e Ted Offembecker / Música: Daniele Amiftheatrof / Som: Charles Felstead / Guarda-Roupa: Orry-Kelly / Montagem: Ralph Dawson / Interpretação: Joan Fontaine (Ivy Lexton), Patric Knowles (Roger Greatorex), Herbert Marshall (Miles Rushworth), Richard Ney (Jarvis Lexton), Cedric Hardwicke (inspector Orpington), Lucile Watson (sra. Greatorex), Sara Allgood (Martha Huntley), Henry Stephenson (juiz), Rosalind Ivan (Emily), Lilian Fontaine (lady Flora), etc.

Produção: Interwood Productions, para a Universal / Produtores: William Cameron Menzies e Sam Wood / Cópia: 35mm, preto e branco, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 99 minutos / Estreia em Portugal: 5 de Outubro de 1950.

Com a presença de Adolfo Arrieta.

Jean-Claude Biette escreveu que **El Crimen de la Pirindola** anunciava na perfeição todo o cinema por vir de Adolfo Arrieta, e escreveu bem, como é evidente. O primeiro filme de Arrieta, rodado quando o realizador tinha 23 anos, tem elementos que o ligam a muita coisa que veio posteriormente (e não apenas, pelo lado da factura muito “underground”, com as curtas-metragens que imediatamente se seguiram, como **La Imitacion del Ángel**, nalguns planos já prefigurada) e participa por inteiro naquele espírito de um lirismo enclausurado – se não mesmo enfasiado – que percorre tantos dos seus filmes (mesmo um objecto tão romanticamente incandescente como **Flammes** tem a ver com isso), e que encontra no sonho e na imaginação (mesmo quando não é nítida a separação entre esse nível e o da realidade) uma espécie de fuga ilusória. Esse sonho, essa imaginação, essa fuga (que às vezes não é ilusória), não são outra coisa que não o cinema. É-o muito especialmente **El Crimen de la Pirindola**, filme todo marcado pela relação interior/exterior (o quarto onde Javier Grandès faz rodar o seu pião, a sua *pirindola*, que também pode ser calão para

toupeira ou para o órgão sexual masculino, e a partir desta polissemia, de facto, não há limites para as conotações do filme), e por um desejo que, sendo vagamente manifestado (ou pelo menos vagamente expresso), surge associado à morte, e especialmente ao assassinio, e à morte ou assassinio de figuras com qualquer coisa de paternal (não será bem “o pai” aqui, mas na **Imitacion del Angel** seria). As cenas finais no cemitério, com a rapariga com o véu negro, ainda, são quase sessenta anos depois, dos planos mais assombrados, mais mortíferamente belos, que Arrieta filmou. E evidentemente, o lado “documental”: **El Crimen de la Pirindola** é um “documentário” (os planos das ruas e dos passeios do protagonista) sobre Madrid à entrada dos últimos dez anos do franquismo (e certamente que com isso também se relaciona o ambiente de estufa e clausura que marca o filme), assim como é um documentário sobre Javier Grandès, o cúmplice mais constante de Arrieta, que através dos seus filmes vimos crescer e envelhecer.

Ivy fala também de um ambiente de estufa e de morte. A estufa é vitoriana ou eduardiana (quer dizer, a conservadoríssima Inglaterra do princípio do século XX), recriada magistralmente pelos decóres (não esquecer que um dos produtores do filme, William Cameron Menzies, foi um grande “art director” mesmo que aqui não seja creditado nessas funções) e pela fotografia de Russell Metty, e a morte está logo no (espantoso) genérico de abertura, quando ficamos com a imagem de uma caveira e de uma hera como a planta que dá nome ao filme e à protagonista. A protagonista, uma excelente Joan Fontaine (sempre tão melhor quanto mais ambígua), sonha com assassinios como o protagonista da **Pirindola**. Mas é mais amoral, mais “concreta”: tem que “despachar”, de uma penada, o marido e o amante, para poder ficar com Herbert Marshall, o cavalheiro endinheirado que tem alguns princípios, entre eles o de não se envolver com mulheres casadas. Se os triângulos amorosos são comuns no cinema clássico americano, os “rectângulos” amorosos são mais raros, sobretudo dados com esta franqueza – que é imediata: na sequência inicial Ivy visita uma quiromante, e toda a sua complicada situação afectiva fica dada, assim como a complicação que se segue. O “escândalo” é oferecido, de barato, logo ao princípio, como que para atestar que não é ele o fulcro do filme, mas antes a forma como a protagonista o pretende resolver.

E, pelas mãos de Sam Wood, realizador habitualmente tão inosso (dos filmes para “domesticar” os Marx ao **For Whom the Bell Tolls**) que tem que ter tido aqui um dos seus melhores momentos (embora, evidentemente, Ivy seja em primeiro lugar um exemplo do brilhantismo da “máquina” Hollywoodiana quando perfeitamente oleada), o que se segue é o relato da moralidade a fazer o cerco à amoralidade, consubstanciado nos gestos e nos olhos progressivamente mais assustados e encurralados da pobre Ivy – que o filme, pequeno milagre, trata sem real julgamento, preservando-lhe uma espécie de inocência letal. Lembra, no avanço desse cerco, um filme quase contemporâneo de Otto Preminger, **Where the Sidewalk Ends**. E também aqui a protagonista deixa de ter chão onde pisar – depois, genérico final, a caveira e a hera outra vez.

Luís Miguel Oliveira